

O Uso da Rua na Contemporaneidade: Evidências e Investigações Projetuais.

Fernanda Fernandes Magalhães Pinheiro de Lima
fernandafmpl@yahoo.com.br

O trabalho evoca o papel do centro de Belo Horizonte como local de encontro com o diferente e contato entre territórios, de modo a constituir-se como lugar da memória e identidade de sua população habitante mineira e metropolitana. As áreas centrais, lugar do “caótico” e da mistura, configuram a paisagem do mundo contemporâneo, hospedando as formas de apropriação humanas, onde a relação entre corpos e o contato com o outro assume uma forma específica de construção do espaço urbano. Em meio a uma sociedade de consumo e padronização, é esta porção da cidade que incorpora a possibilidade do choque de realidades, importante para evitar a relação cada vez mais alienada que se instaura entre os indivíduos de diferentes contextos culturais e sociais. Ainda área de forte vitalidade urbana no contexto da cidade, a zona hipercentral é permeada por intenso fluxo de pedestres, que a utilizam como local de passagem e transição entre destinos cotidianos para trabalho, lazer, consumo de serviços e local da compra.

Metodologia: Tendo como premissa a análise das formas de apropriação do espaço público, foram realizados estudos quanto às relações de movimento e permanência, sensações olfativas e sonoras, configurações de territórios, além de uma análise do uso do solo lindeiro, promovendo uma categorização específica da área central. Foi também foco de estudo a análise das texturas do espaço construído buscando definir as relações entre espaço interior privado e espaço exterior público, os graus de permeabilidade visual, acessibilidade e sedução do usuário-consumidor, além do comportamento do mesmo no ato de consumir e o tempo de consumo do espaço.

Uso do Solo – Análise do Uso Lindeiro: A análise de uso do solo investiga a complexa diversidade de atividades ocorrentes na área hipercentral de Belo Horizonte, definindo para isso categorias que melhor representem essa realidade. Como premissa na categorização de

tais atividades, levou-se em consideração o tipo de produto e/ ou serviço oferecido ao usuário consumidor, e ainda, a tipologia de usuário consumidor correspondente a cada atividade. Foram definidas 22 categorias. A título de exemplo para este resumo temos:

-Categoria 1: Comércio de miudezas domésticas, de corte e costura, uso pessoal e artigos religiosos. Grande parte desta categoria corresponde aos produtos vendidos por ambulantes, em bancas informais.

-Categoria 3: Comércio de vestuário popular.

Categoria 8: Serviços voltados para o lazer sexual. Bordéis (ditos hotéis), motéis, casas de show, boates, cinemas eróticos.

-Categoria 15: Serviços Tradicionais de pequenos reparos. Chaveiros, amoladores de alicates e tesouras, relojarias, conserto de eletrônicos, conserto de sombrinhas e guarda-chuvas, sapateiro.

-Categoria 16: Estacionamentos.

Relações entre o Uso do Solo Lindeiro e o Espaço Público

Na relação entre uso lindeiro e espaço público, entram aspectos de relevância quanto ao caráter de apropriação como as formas de exposição das mercadorias e o grau de acessibilidade entre as mesmas e o usuário consumidor. Além disso, também importante é a relação física estabelecida entre o uso lindeiro e a rua, ou seja, entre interior e exterior, e principalmente no que tange à apropriação dos mesmos, até que ponto se relacionam. Dessa forma, também parte dessa análise é o que diz respeito ao ritual de uso, ou seja, o comportamento do usuário no ato de consumir, atividade central da área em estudo.

Relações interior-privado x exterior-público:

Fachadas Reflexivas: A relação entre exterior e interior do estabelecimento é configurada por meio de vidro, ora translúcido, ora não. No caso das fachadas translúcidas, o fator reflexivo é reduzido, possibilitando o acesso visual ao que se encontra no interior pelo espaço da rua. No caso das que não apresentam transparência, onde a relação de permeabilidade visual é inexistente, há a ocorrência de alto grau de reflexão, com espelhamento da cena urbana. São representativas deste tipo de fachada lindeira as entradas de motéis, que objetivam promover privacidade para seus clientes.

Fachadas Abertas: Essa tipologia mantém a relação de completa exposição do interior para o exterior, onde toda a face do estabelecimento é de livre acesso ao usuário pedestre, não havendo barreiras físicas, onde é bastante comum o uso extrapolar o espaço interno e apropriar-se da calçada lindeira para fins de lazer (como bares, por exemplo). Também aqui se encontram as vitrines metálicas (estruturas estreitas fixadas nas fachadas cegas de edificações normalmente em desuso) e bancas do comércio informal, onde são dispostas as mercadorias inteiramente à mostra. O acesso é direto, não há barreira física entre público e privado.

Fachadas Opacas: corresponde às fachadas constituídas de elementos opacos, que impedem a permeabilidade visual do interior pelo exterior. Em geral, esse grau de opacidade é bastante acentuado, que advém do tipo de uso ali instalado, como no caso da categoria de uso “serviços voltados ao lazer sexual popular”, devido à necessidade de privacidade do espaço interno. Dessa forma, nesta categoria a acessibilidade ao interior é restrita, conhecendo tal espaço somente os usuários consumidores do serviço.

Comportamento no ato de consumir...

Grau de Relação Táctil entre Consumidor e mercadoria:

Contato Direto com a mercadoria: o consumidor tem acesso livre de toque à mercadoria, que se encontra disposta em bancas localizadas na entrada dos estabelecimentos, em barracas de vendedores ambulantes e em vitrines metálicas.

Contato Indireto com a mercadoria: configura-se a partir de um elemento físico (vitrine) limite entre mercadoria e consumidor. O contato indireto assume como intermediário entre mercadoria e consumidor a figura do vendedor.

Período de Duração do Consumo:

Consumo de Serviços por tempo prolongado; Consumos de curta duração; Consumos de média duração; onde foram enquadradas as categorias de uso anteriormente definidas.

Efeitos na Apropriação do Espaço Público...

Com base no diagnóstico realizado, referente às evidências do espaço público no hipercentro de Belo Horizonte, foi possível construir algumas conclusões quanto a influência das variáveis levantadas em relação à apropriação dos espaços na zona hipercentral. O fator predominante apresenta-se em função do uso do solo. É essa a variável de maior determinação na maneira

com a qual são utilizadas as calçadas. Dessa forma, em função da categoria de uso do solo lindeiro, são percebidas tipologias de apropriação específicas, que aparecem de forma generalizada com a presença daquele tipo de uso. Posteriormente à relevância do tipo de uso do solo, encontram-se as relações estabelecidas entre espaço interior-privado e exterior-público. Esta variável propicia a potencialização daquela tipologia de apropriação do espaço público ali ocorrente. Principalmente por ser esta a relação que determina inclusive a maneira como cada tipo de apropriação pode ocorrer. Através da forma com que os interiores se relacionam com a rua é que se suscitam sensações do usuário para com aquilo que propõe cada uso. Primeiramente, tem-se o fator de sedução e incitação de curiosidade e necessidade do tipo de uso instalado. Decorrente disso surge a forma como cada uso atrai seu usuário-consumidor, e quais são as possibilidades e maneiras de consumo do serviço ali prestado ou comércio ali ofertado, como podem de fato se efetivar como formas de apropriação.

Em função dos processos de substituição de usos e homogeneização dos espaços, agora também invadindo a zona hipercentral de Belo Horizonte, observa-se um processo de construção de uma nova forma de relação do comércio com o espaço da rua, descaracterizando a paisagem característica do centro. A questão é ligada a maneira com a qual os espaços urbanos centrais estão sofrendo tais modificações, com a invasão de redes sofisticadas que acima de tudo, alteram não somente os produtos oferecidos neste espaço de consumo, mas principalmente, a maneira como são oferecidos e o contato com que os usuários consumidores assumem com esta nova forma de comprar. Essa substituição de usos promove um afastamento na relação entre consumidor-mercadoria e cliente-vendedor, descaracterizando a maneira de consumir própria de toda a área central. Isto provoca uma perda de extrema significância quanto à identidade da população usuária ao atingir seu patrimônio imaterial, banal, e intangível, que é a forma com a qual o homem vivencia os espaços e os transforma em lugares. A invasão de usos descaracterizantes no ponto de vista da ambiência urbana acarreta ainda problemas de caráter econômico. Para Ermínia Maricato (2001), *“a revitalização de centros urbanos exige a defesa do pequeno negócio como estratégia para a manutenção de empregos e também das características históricas do patrimônio construído”*.

Assim, defendem-se intervenções urbanas que tratem das áreas centrais como o que elas são em si, lugar do apelo aos sentidos e do inusitado, onde o grau de apropriação do público é acentuado. Busca-se uma construção coletiva do espaço urbano, onde o usuário assume seu papel como construtor e vivenciador desse espaço, e não apenas espectador das decisões dos planos do governo e técnicos de urbanismo, deixando de serem atores de um espaço cenário, fruto das ações de espetacularização da cidade.

O USO DA RUA NA CONTEMPORANEIDADE

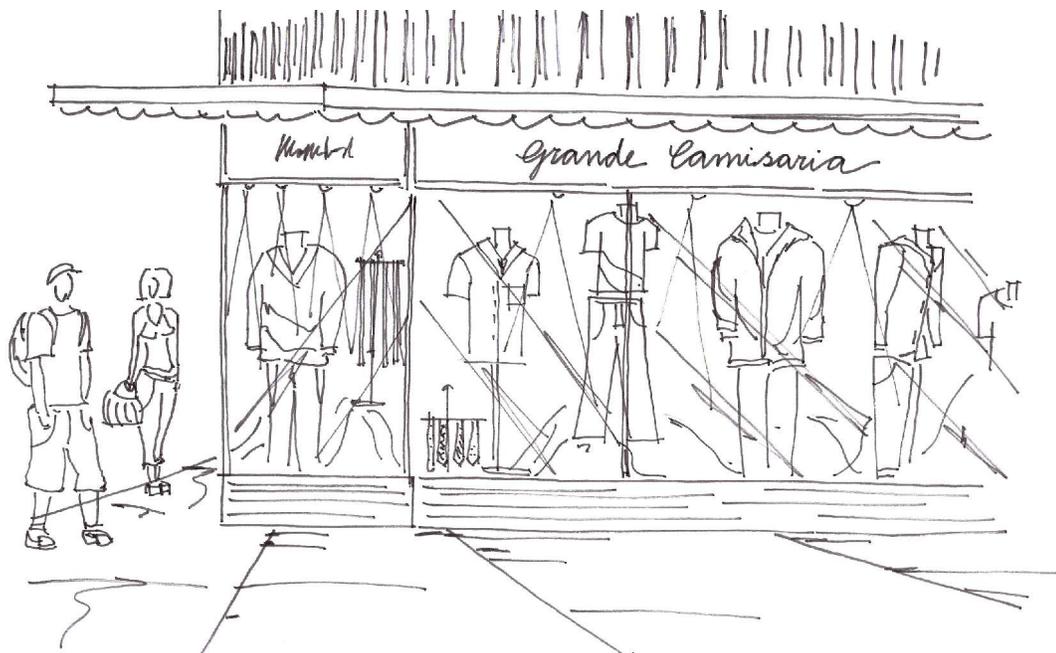


Salão do Ouvidor. Estabelecimento tradicional localizado à Galeria do Ouvidor, inaugurada na década de 60, Rua São Paulo, centro da cidade.

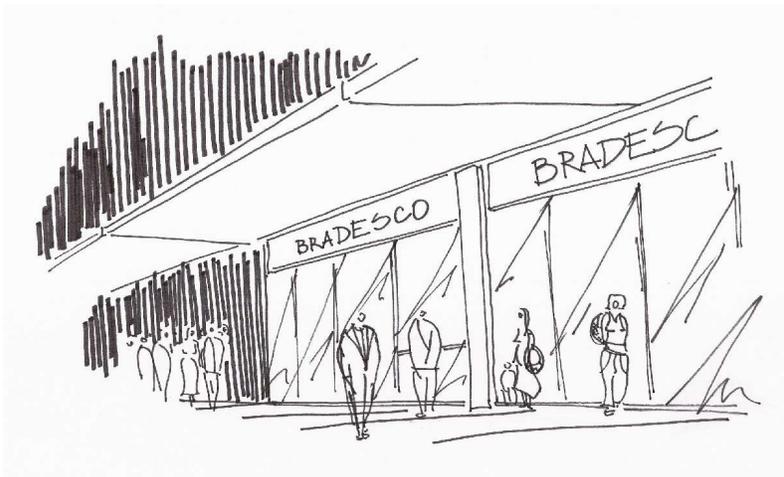


Fazendo as Compras... Comércio de Miudezas à Rua São Paulo, proximidade dos corpos, contato direto com a mercadoria.

Relações entre interior-privado/ exterior-público:



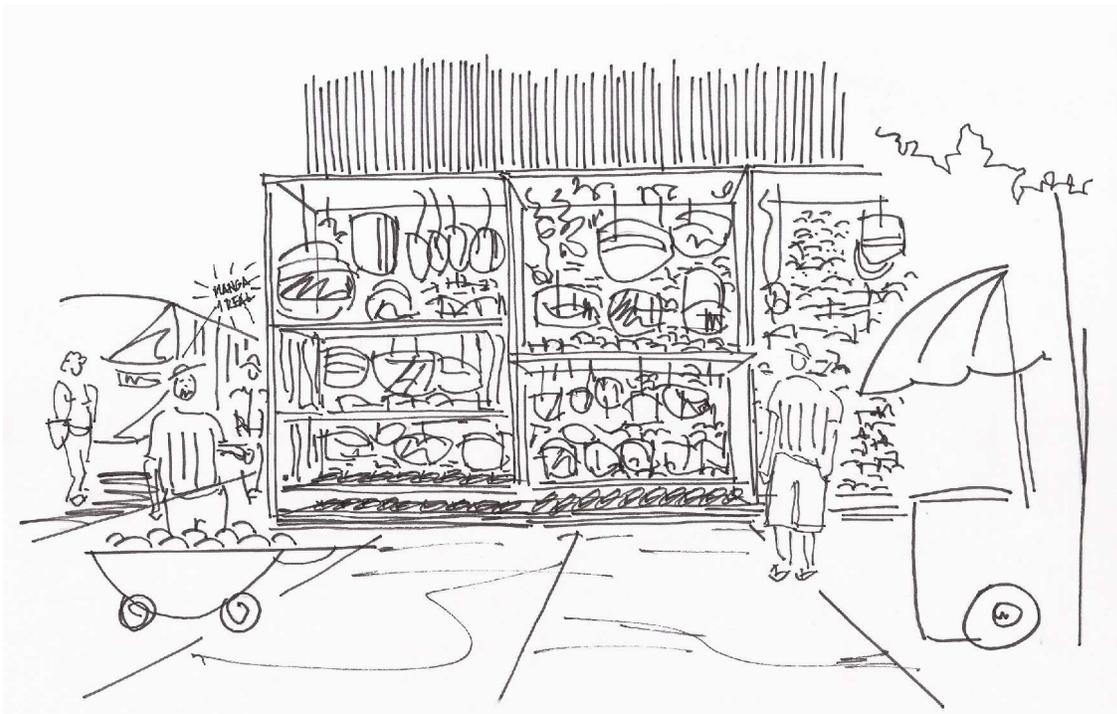
Fachada reflexiva translúcida: permeabilidade visual, contato indireto com a mercadoria. Instiga o pedestre –fetiche da mercadoria. Categoria de Uso: Comércio de Vestuário Sofisticado.



Agências bancárias: fachadas reflexivas translúcidas. Não instigam a curiosidade do pedestre.
Organizações espaciais internas padronizadas- homogeneização no tratamento dos espaços.



Fachada Opaca: Impermeabilidade visual. Instiga a curiosidade do pedestre pelo espaço interior, somente conhecido por usuários do serviço prestado. Categoria de uso: Serviços voltados ao lazer sexual.



Fachada Aberta: vitrine metálica instalada em edificação em desuso de fachada opaca.

Categoria de Uso: Comércio de miudezas – Contato direto entre consumidor e mercadoria.

Bibliografia Básica

-CLAVAL, P. “*O território na transição da pós-modernidade*”, Géographies et Cultures n. 20, inverno 1996, Paris: L’Harmattan. Universidade de Paris – Sorbonne. Tradução: Inah Lontra, Márcio de Oliveira e Rogério Haesbaert.

-FRÚGOLI, H. “*Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*”, São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

-HARVEY, D. “*Condição Pós-Moderna*”, São Paulo: Edições Loyola, 1992.

-HOLANDA, F. “*Espaço de Exceção*”, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

-HONORATO, R. “*Se essa cidade fosse minha... A experiência urbana na perspectiva dos produtores culturais de João Pessoa*”, João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1999.

-JACOBS, J. “*Morte e Vida das Grandes Cidades*”, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

-JACQUES, P. “*Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*”, Paola Berenstein Jacques, organização; Estela dos Santos Abreu, tradução. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

- LEI Nº 10257- “*Estatuto da Cidade*”, lei federal 10 de junho de 2001.
- MARICATO, E. “*Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*”, Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- PAOLI, D. “*A busca de cidades mais seguras: circuito fechado de câmeras de televisão (CCTV)*”, www.vitruvius.com.br/ Texto 309/ maio 2005.
- PRAXIS, Consultoria LTDA. “*BHipercentro: pesquisa de uso e ocupação dos imóveis*”. Novembro/ Dezembro de 2002.
- SANTOS, Jair F. “*O que é pós-moderno*”, 2ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1986. Citado por HONORATO, Rossana.
- SANTOS, M. “*Ensaaios sobre a urbanização latino-americana*”, São Paulo, 1982.
- SITTE, C. “*A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*”, 1889.
- CULLEN, G. “*A paisagem urbana*”.

www.spacesyntax.org
www.unb.br/fau/dimpu
www.google.com.br/galeriadoouvidor
www.ruaviva.org.br
www.pbh.gov.br
www.iephamg.gov.br